

Cada metro da «moderna fronteira»
da Alemanha Oriental foi
cuidadosamente concebido para *matar*

A Fronteira da Morte

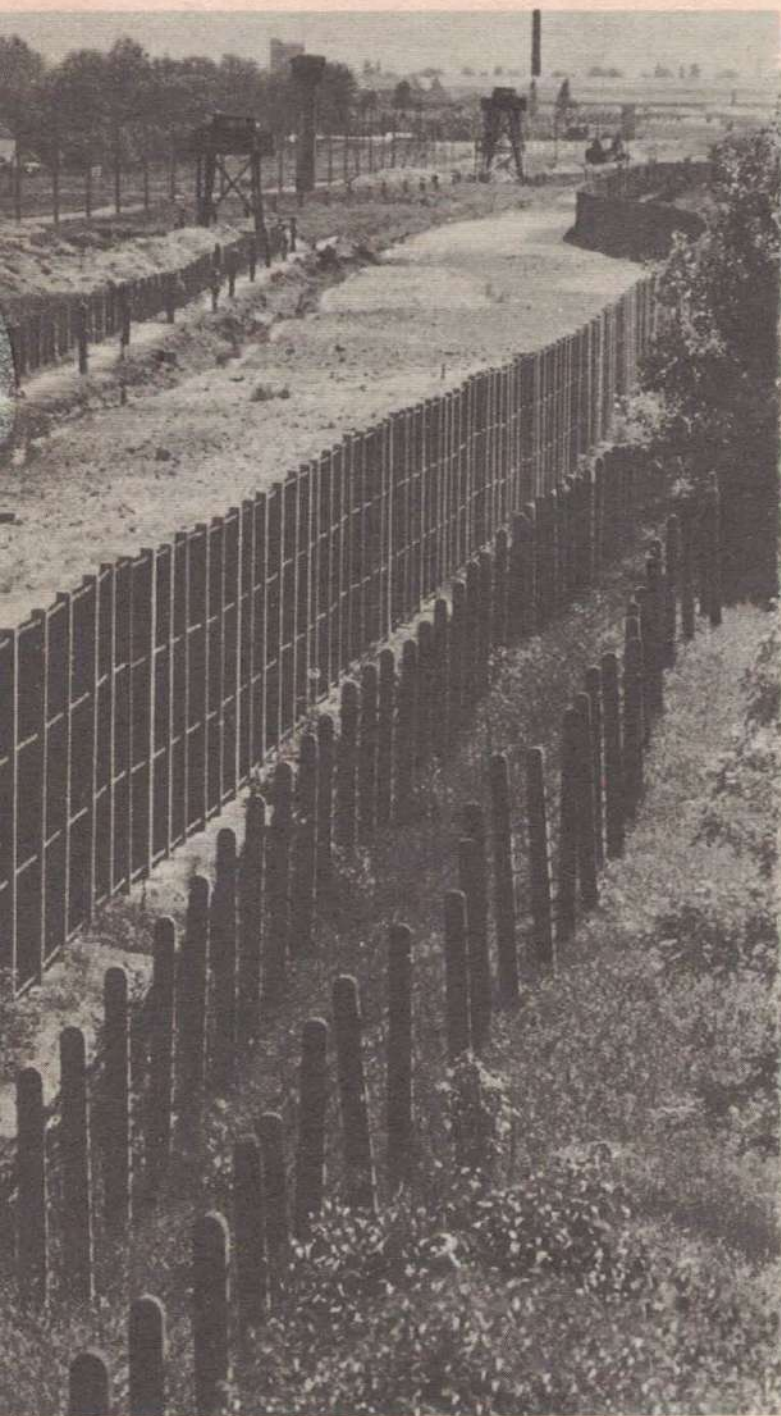
ROBERT NORMAN

VISTA de um helicóptero, a fronteira que divide a Alemanha Oriental da Ocidental parece inofensiva: uma estreita linha como que desenhada a régua, atravessando campos e florestas, terras pantanosas, em forma de fita, por montes e vales e, finalmente, desaparecendo no horizonte. Mas, na realidade, é a fronteira mais sinistra do mundo, uma barreira engenhosa e mortífera, construída somente para evitar que os alemães do Leste fujam da sua terra. Até hoje, as autoridades da Alemanha Ocidental registraram os nomes de 101 pessoas que morreram tentando atravessá-la. Muitas outras mortes não foram registradas.

A fronteira começa em frente do elegante balneário de Travemünde, no Mar Báltico, e termina na pequena aldeia de Prex, no Frankenwald, a 1.346 quilômetros. Entre estes dois

pontos, corta antigas povoações, separa aldeias dos seus campos lavrados; aqui, isola um moinho dos seus fornos de cozimento do pão; além, o reservatório, da sua barragem. Atravessa bem pelo meio de estações ferroviárias e minas subterrâneas, separa inúmeras famílias que vivem de ambos os lados. Três auto-estradas, 32 ferrovias e 167 rodovias principais terminam nessa fronteira, como que cortadas por um gigantesco machado.

Não há muito tempo, voei de helicóptero ao longo da fronteira, com o capitão Bernd Kahnert da polícia de fronteira da Alemanha Ocidental. «Até recentemente, os fugitivos tinham alguma possibilidade de atravessar», disse-me ele. «Tinham que passar as filas de minas, o arame-farpado e as patrulhas móveis; mas as cheias, freqüentemente, desarmavam as primeiras, e



GESAMTDEUTSCHES INSTITUT

os guardas da fronteira nem sempre atiravam para matar.» Mas isto mudou com o advento da «fronteira moderna», como os comunistas, orgulhosamente, a chamam. Agora, dezenas de diferentes espécies de ardis dão uma cobertura quase perfeita, e matam mecanicamente todo aquele que se aventurar a atravessá-la.

Quando o nosso helicóptero pousou suavemente, perto da aldeia de Lübbow, na Baixa Saxônia, pude ver mecanismos automáticos de tiro contra pessoas, alinhados ao longo da fronteira do lado da Alemanha Oriental. Por cima da cerca de vedação, com 3,2 m de altura (construída em rede de aço, tão fechada que não permitiria a inserção dos dedos das mãos ou dos pés de alguém que tentasse subir por ela) existiam filas do que pareciam ser antenas de televisão do feitio de orelhas de coelho.

«Cada antena está ligada a uma linha sinalizadora, presa ao longo da cerca», explicou o Capitão Kahnert. «Quando se toca num fio, um quadro eletrônico acende, no posto militar mais próximo, e localiza o ponto exato. Mas a linha sinalizadora é também um sistema de disparo», acrescentou ele. «Olhe ali!»

Fixas aos postos de cimento da barreira, eu podia ver três filas de caixas em aço, em forma de sinos pretos, que estavam colocadas, alternadamente, em níveis à altura dos joelhos, do peito ou acima da cabeça. Cada uma contém estilhaços de pontas aguçadas, envolvidos em plástico, e em cada uma existe uma carga explosiva. O menor contato com o sistema de disparo, provoca uma explosão do artefato, que criva tudo de estilhaços, num raio de 25 metros.

A instalação não parece mais do que um sistema de comunicações ópticas, conforme a polícia de fronteira da Alemanha Ocidental julgou que fosse a princípio. A triste reali-

dade foi sinistramente demonstrada quando a primeira vítima morreu sob uma criminosa saraivada de estilhaços.

Mais de 80 quilômetros da fronteira já foram entregues a esses «guardas» mortíferos e silenciosos. Uma alta patente das tropas fronteiriças comunistas, integradas no exército nacional popular, recentemente fugida para o Ocidente, relata que toda a fronteira ocidental está sendo rapidamente dotada com o novo sistema.

Em nosso pouso seguinte, junto a uma área esparsamente arborizada, observei essa conversão em pleno funcionamento. Enquanto um grupo de tropas da fronteira, envergando fardas pretas, instalava no seu lugar os postes de cimento, outra equipe completava a vedação metálica, e uma terceira instalava as bombas-de-estilhaços nos seus suportes pré-fabricados.

Os soldados não deram por nós. Um fino cordão esticado, entre estacas baixas, que nos separava, representava uma barreira impenetrável, pois, cuidadosamente misturados com os construtores da barreira fronteiriça estavam alguns soldados das forças de segurança da Alemanha Oriental, com fardas marrom, e armados de pistolas-metralhadoras, prontas a disparar. Ironicamente, os homens da polícia fronteiriça da Alemanha Ocidental chamam esta barreira de «o fio da navalha». Qualquer soldado da Alemanha Oriental que dê um passo através dela é logo morto.

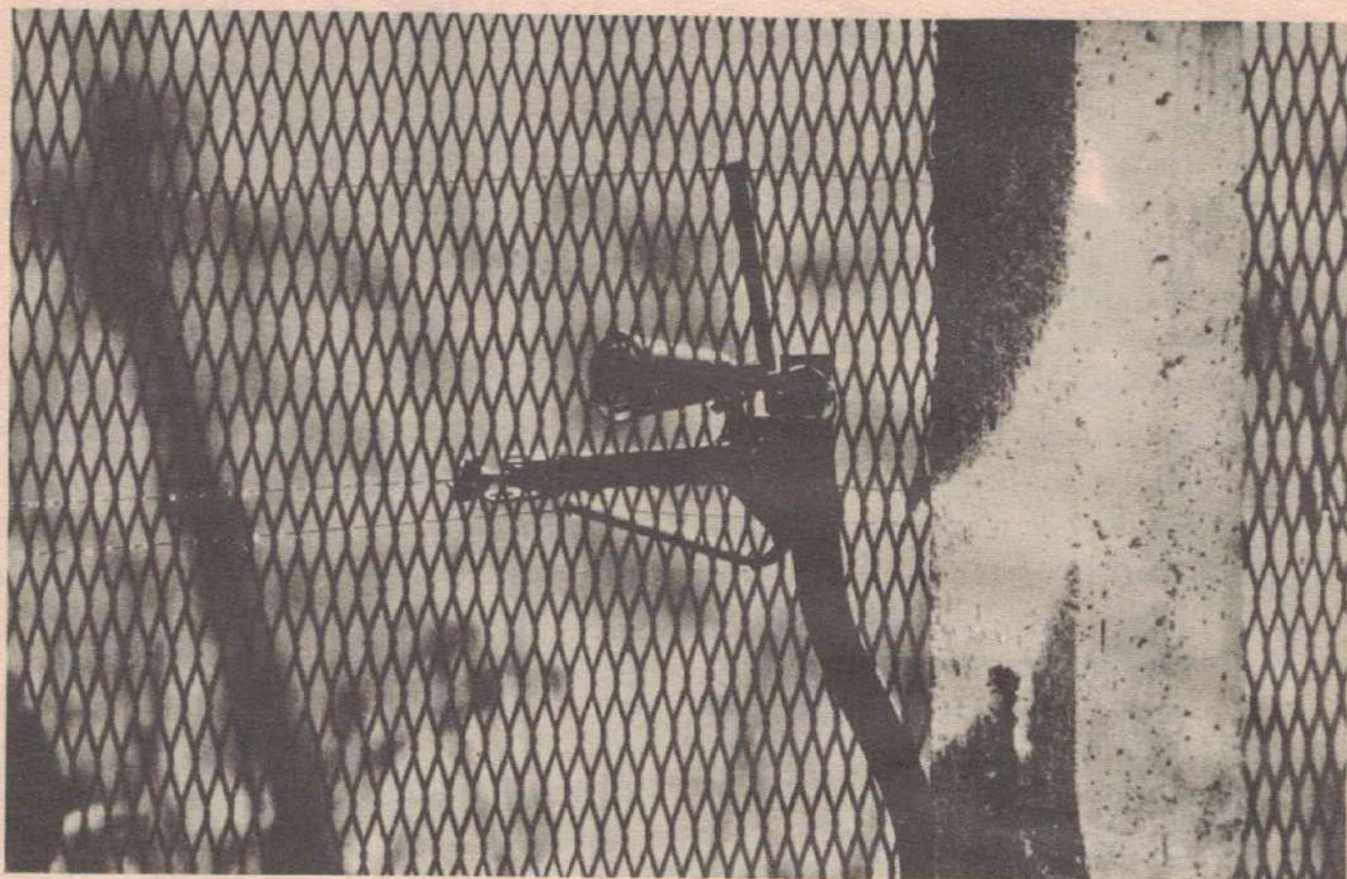
No momento em que o nosso helicóptero voava de novo, uma ex-

plosão estremeceu o ar. «Estão explodindo as minas antigas a fim de não pôr em perigo o seu trabalho», disse o Capitão Kahnert. Atualmente, a maior parte da fronteira ainda é guarnecida por inúmeras minas-de-contato feitas na União Soviética, e que explodem com o simples peso de um pequeno animal, como uma lebre. Vezes sem conta, esses campos de minas, que não estão assinalados, causaram ferimentos nas patrulhas de remoção de minas da Alemanha Oriental.

Em 1946, mais de 1,6 milhão de cidadãos da Alemanha Oriental fugiram da zona soviética para o Ocidente.

Depois, as autoridades comunistas começaram a obstruir os caminhos de fuga. Uma equipe especial de oficiais de engenharia-militar foi incumbida, pelo governo de Berlim Oriental, de inventar fortificações de fronteira cada vez mais perfeitas. Aos soldados da patrulha de fronteira, foram prometidas recompensas monetárias, medalhas, licenças especiais e promoções antecipadas, caso inventassem «melhoramentos».

O aperfeiçoamento da barreira, que envolve os 17 milhões de alemães da parte oriental, resultou num decréscimo assinalável do número de fugitivos. Em 1961, houve um número calculado em 8.500 fugas. Dez anos mais tarde, esse número tinha sido reduzido para aproximadamente 800. Hoje, e de acordo com o Dr. Werner Barm, perito alemão e, durante muitos anos, comissário provincial na Alemanha Oriental, até a



A iela de aço com dispositivo de detonação automática

sua fuga para o Ocidente, só uma, em cada dez tentativas de fuga, é bem sucedida. O conceito de «fronteira moderna», para o alemão da zona oriental, é o de dissuadir qualquer esperança de fuga bem sucedida. Daquilo que observei, em todos os complicados sistemas de espessas barreiras, ao longo da fronteira ocidental, este objetivo pode muito bem ser atingido.

Paralela à barreira de malha de aço, com os seus aparelhos de detonação automática, existe uma faixa de solo, recentemente preparada, de seis metros de largura. (Qualquer pessoa que a atravessasse deixa pegadas bem definidas, das quais especialistas da polícia tiram moldes de gesso,

como se estivessem tentando descobrir a pista de um criminoso comum.)

A guarda da fronteira tem ordens de atirar seja em quem for que entre nessa faixa. Errar o alvo levanta suspeitas, foi-me dito por um sargento refugiado. Uma vez que o carregador de uma pistola-metralhadora tem capacidade para 60 balas, dizem que nenhum fugitivo tem uma única probabilidade de não ser abatido. O soldado que erra a pontaria é submetido a um tribunal-de-guerra, prisão e baixa de posto.

Para além da faixa lavrada, existe uma fossa antitanque com metro e meio de profundidade. Foi construída para evitar que loucos aventureiros fujam, como no passado

conseguiram, depois de rebentar a barreira com tratores ou caminhões protegidos por chapas de aço. Além da vala, há uma estrada, usada pelas patrulhas militares. Sem saída, esta estrada tem um comprimento de 1.015 quilômetros, que equivale aproximadamente à distância de Genebra a Amsterdam.

O nosso helicóptero sobrevoou as aldeias gêmeas de Zicherie e Böckwitz, que, até o traçado da nova fronteira, formavam uma única povoação. Hoje, uma parede em cimento, de quase três metros de altura, divide o grande mercado, comum às duas aldeias. Ao longo desse muro, brilhantes luzes fluorescentes iluminam a fronteira, amedrontando quaisquer prováveis fugitivos. A meio, ergue-se uma tosca torre, em forma de cogumelo, com 11 metros de altura. Seteiras, que permitem a uma equipe de três homens varrer a tiro de metralhadora o terreno circundante, rodeiam a cúpula, por baixo das janelas, como num castelo medieval.

Uma série dessas torres, à vista umas das outras, está sendo construída ao longo de toda a fronteira. Ligadas por telefone e pelo rádio, cada uma tem, no telhado, um potente holofote que ilumina tudo num raio de 400 metros.

Tudo isto não satisfaz a engenhosidade dos técnicos da fronteira. Existem casamatas para três homens, de quilômetro em quilômetro. Muito antes da fronteira propriamente dita, há sistemas de disparo que lançam foguetões luminosos quando tocados.

Mais de 500 cães-policiais, presos por roldanas a cabos aéreos, passeiam sem descanso, de cá para lá, cobrindo o seu setor. «Quando este complicado sistema de barreiras estiver concluído, nem um rato poderá penetrar nele», disse-me um funcionário da polícia da Alemanha Ocidental.

O custo da construção dessa impenetrável barreira tem sido elevado. Colinas inteiras foram terraplenadas para permitirem o tiro direto. Áreas têm sido evacuadas, aldeias arrasadas, e florestas inteiras cortadas ou simplesmente queimadas. Cada quilômetro da fronteira da Alemanha Oriental, assim protegido, custou em média quatro milhões de marcos. Por toda a fronteira, isto soma um total superior a cinco bilhões de marcos. Casamatas, torres-de-vigia e outras instalações, só por si, ocupam sete mil hectares de terreno fértil e vitalmente necessário ao cultivo, que poderia dar pão para quase um milhão de pessoas.

Enquanto só 1.500 soldados guardam a fronteira dos vizinhos comunistas, Polônia e Checoslováquia, não menos de 33 mil soldados de choque estão colocados ao longo da «Fronteira Oeste do Estado», cada um vigiando o outro. Até para as necessidades mais íntimas é necessário participar pelo telefone. Em tais casos, dois guardas substitutos são enviados, pois um dos colegas da patrulha acompanha o seu camarada ao banheiro. Membros da patrulha que respondam a acenos amigáveis do Ocidente podem ser castigados com três semanas de prisão num forte, por «contatos com o inimigo».

Por outro lado, recompensas são atribuídas àqueles que evitarem a fuga de um camarada. Um soldado que matou um companheiro, já ferido e inanimado, foi promovido à primeira classe, recompensado com o Emblema de Mérito do Exército Nacional Popular, 400 marcos em dinheiro e uma viagem de duas semanas a Moscou. Apesar desse sistema de segurança tão complicado, e da mútua vigilância, cerca de 2.400 membros das tropas da Alemanha Oriental fugiram para o Ocidente até agora.

Num esforço para tornar a fronteira completamente à prova de fuga, o governo de Berlim Oriental está recrutando denunciante entre os que vivem perto dela. Cerca de 30 mil «auxiliares de fronteira» (membros do Partido, reformados do exército, empregados do Estado, crianças e velhos) patrulham o interior do país, perto da fronteira, vestindo velhos fardamentos de combate abandonados pelas tropas da fronteira. Numa região fronteiriça da província de Macklenburg, todos os 27 membros da organização de juventude comunista «Pioneiros Thaelmann» se tornaram guardas de fronteira. Estes jovens dedicam um dia em cada mês à prática de combate, sob a direção de instrutores militares.

Numa aldeia da Turíngia, um estranho que perguntou a um garoto

de dez anos, chamado Ulrich Nolte, o caminho para a fronteira, foi denunciado às autoridades e preso. Orgulhoso, o garoto afirmou: «Alguém que queira atravessar a fronteira deve ser má pessoa.» Dois outros rapazes que denunciaram três refugiados à patrulha fronteiriça foram premiados com equipamento esportivo. Um pensionista recebeu um prêmio monetário, quando conseguiu que um concidadão que ia a caminho do Ocidente fosse preso. Um fazendeiro da Turíngia foi condecorado por ter delatado 13 «violadores da fronteira».

Historicamente, os oprimidos encontraram sempre novas maneiras de iludir seus opressores. Os alemães do Leste não constituem exceção. Um trabalhador de Schwerin foi o primeiro, em 1972, a fugir através do sistema mortífero automático dos guardas da fronteira. Seu método foi tão eficiente como simples. Vestiu uma armadura caseira, que consistia de vários pares de calças e um sobretudo de feltro fortemente acolchoado. Só dois dos pedaços de uma carga de estilhaços penetraram essa camada protetora, alojando-se na sua coxa. Saindo no mesmo dia de um hospital da Alemanha Ocidental, começou uma vida que o regime comunista com tanto custo lhe queria negar.



A ARTE prolonga a curta permanência de um homem sobre a Terra, transportando de homem a homem toda a complexidade da experiência de outros homens, com todos os seus fardos, cores e sabores.

— Alexander Soljenitsyn